

**A ÁGUA COMO MOTOR DE CRIATIVIDADE: TEXTO ENSAÍSTICO SOBRE
PENSAMENTO DECOLONIAL ATRAVÉS DO ELEMENTO
EL AGUA COMO MOTOR DE CREATIVIDAD: ENSAYO SOBRE EL
PENSAMIENTO DECOLONIAL A TRAVÉS DEL ELEMENTO**

Rafaela de Araújo Vieira de Oliveira ¹

RESUMO: Este artigo aborda cosmovisões e filosofias decoloniais para pensar na água como um motor de criação e imaginação de vidas e mundos possíveis. Trata-se de um texto ensaístico a respeito do elemento em sua potência máxima, como em um rompimento de uma barragem de represa: incontrolável e invencível. O objetivo é identificar, de maneira interdisciplinar, as possibilidades de saberes intelecto-corporais a partir desta contemplação. Como método, reunimos documentos como exposições artísticas, documentários, discursos públicos, entrevistas e textos acadêmicos, bem como canções da Música Popular Brasileira de Elza Soares, Liniker e Luedji Luna. A partir disso, formulamos interpretações sobre metáforas com a água, seus efeitos materiais e empíricos, a fim de vislumbrar a importância deste elemento no ato cotidiano de criar, lembrar e viver. Veremos se é possível reabitar existências brasileiras para além do trauma e do “Capitaloceno”, além dos entraves da *commoditização* da água e das armadilhas coloniais de raça e gênero. Ainda falaremos sobre as problemáticas sociopolíticas do estresse hídrico em grandes metrópoles como o Rio de Janeiro, as quais promovem uma ‘guerra d’água’. Ao final do artigo, veremos que a água é um motor de criatividade e pensamento de vida, por meio de processos de investigação e imersão interna, memória coletiva e bem-estar com o meio ambiente. Nesse texto ensaístico, afirma-se que o ecocentrismo é uma alternativa de mudança da nossa episteme. Concluiremos que a água pode estabelecer vínculos entre os diversos atores do mundo, sobretudo através de um mergulho profundo, com zelo e afeto.

PALAVRAS-CHAVE: Água; Capitaloceno; Decolonialidades; Imaginação.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade, com fomento da Capes e orientação da Prof.^a Dr.^a Cíntia Sanmartin Fernandes. <https://orcid.org/0000-0001-9350-503X>; vieirarafaela@outlook.com.

RESUMEN: Este artículo aborda cosmovisiones y filosofías decoloniales para pensar el agua como motor de creación e imaginación de vidas y mundos posibles. Es un ensayo sobre el elemento en su máxima potencia, como en un dique que se rompe: incontrolable e invencible. El objetivo es identificar, de forma interdisciplinar, las posibilidades de conocimiento intelectual-corporal a partir de esta contemplación. Como método, reunimos documentos como exposiciones artísticas, documentales, discursos públicos, entrevistas y textos académicos, además de canciones de Música Popular Brasileña de Elza Soares, Liniker y Luedji Luna. A partir de eso, formulamos interpretaciones sobre las metáforas con el agua, sus efectos materiales y empíricos, con el fin de vislumbrar la importancia de este elemento en el acto cotidiano de crear, recordar y vivir. Veremos si es posible re-habitar las existencias brasileñas más allá del trauma y del “Capitaloceno”, más allá de los obstáculos de la mercantilización del agua y las trampas coloniales de raza y género. También hablaremos de los problemas socio políticos del estrés hídrico en grandes ciudades como Río de Janeiro, que promueven una 'guerra del agua'. Al final del artículo veremos que el agua es motor de creatividad y pensamiento de vida, a través de procesos de investigación e inmersión interna, memoria colectiva y bienestar con el medio ambiente. En este ensayo se afirma que el ecocentrismo es una alternativa para cambiar nuestra episteme. Concluiremos que el agua puede establecer vínculos entre los diferentes actores del mundo, especialmente a través de una inmersión profunda, con celo y cariño.

Palabras clave: Agua; Capitaloceno; Decolonialidades; Imaginación.

Introdução

No Rio de Janeiro, qualquer chuva é o fim. Como pode a água acabar com tudo? Cai uma gota do céu, é desespero, fim do mundo. Não há saída, só o barranco. A gente despenca entre o mar de gente, mas a gente mesma é o mar. *“Meu choro não é nada além de carnaval”*, como canta Elza Soares: *É lágrima de samba na ponta dos pés*.

Os versos citados acima fazem parte da música “Mulher do Fim do Mundo” (2015), escrita por Alice Coutinho e Romulo Fróes. A canção interpretada pela importante cantora do samba e Música Popular Brasileira (MPB) está presente no álbum de mesmo nome, lançado naquele ano. Carregada com um forte simbolismo da cultura negra brasileira, Elza Soares recorreu à água para mostrar a fragilidade da vida de mulheres negras em um cenário de solidão, abandono e violência. Com a melodia melancólica, a música segue em alusão ao Carnaval carioca: uma fantasia, na qual a mulher negra é rainha. Seguindo o pensamento de Lélia Gonzalez (2020), é na avenida carnavalesca que se encena a democracia racial, um dos grandes palcos da violência simbólica e sexual. Ainda assim, Elza exaltava a arte como saída para ser protagonista da própria história em tempos de urgência: *“me deixem cantar até o fim”*.

Nossa ligação com a sensibilidade, a intuição, as emoções e as dores do mundo estão intimamente relacionadas ao corpo humano, ao planeta e aos elementos da natureza, para além do campo artístico e de conhecimentos apreendidos em escolas e universidades. Nesse sentido, nossa voz, experiência de vida e observação de mundo também nos permitem pensar as problemáticas sociais, culturais e políticas.

Quanto à imaginação da vida, pensemos na água do rompimento de uma barragem de represa: incontrolável, invencível, potente. Com tamanha pulsão e

velocidade, surgem as reflexões quanto à capacidade de mover nossos rios criativos quando estamos ligados a esse composto químico. Afinal, é necessário se molhar para avançar mundos? Ou nunca fomos outra coisa, a não ser molhados?

Este artigo propõe uma reflexão quanto às saídas que podemos criar ou recriar frente a problemas que parecem não ter mais solução, como o racismo, binarismo de gênero, destruição do meio ambiente, entre outros. De caráter empírico, o debate se encaminhará para as possibilidades criativas que a água tem, ao nos fazer pensar mundos diferentes do que habitamos.

Meninos do Rio: a praia-vivência e o lugar de descanso

A conexão inevitável com a água desperta certa curiosidade quando sentimos algo balançar dentro de nós por alguma razão, biológica ou não. No Rio, o som do bater das ondas do mar pode ultrapassar o som das crianças brincando na água. Em cidades como esta, poucos lugares são (ou deveriam ser) tão democráticos quanto a praia.

Tomar um banho de mar durante a semana é uma realidade para a maior parte dos cariocas que moram perto das praias – faz parte do nosso cotidiano e da nossa relação com o território. Às vezes, o mar da praia do Recreio dos Bandeirantes forma o que chamamos no nosso imaginário coletivo de “piscininhas”: são como vãos na areia, que são preenchidos pela maré e permitem que os banhistas tomem bençãos ainda na parte rasa. Não é necessário ir para o fundo para conversar com divindades aquáticas, sejam elas quais forem.

Com o frescor no dia a dia, quase que obrigatório em dias muito quentes, a percepção criativa pode ser mal-encarada já que a praia é tida como lugar de descanso ou de fuga. No recorte carioca, em meio ao caos da grande metrópole urbana, o contato com a natureza oferece um pouco de calma e tranquilidade: é

cura. No entanto, este é um lugar que se faz em múltiplos usos, inclusive o de ser um espaço aberto a reflexão e contemplação da vida quando, apesar de aliviar o estresse, impulsiona os frequentadores a criar respostas.

Ainda há aqueles que nem chegam a entrar no mar, têm medo de que possivelmente esteja revolto e poderoso. Outros que optam por também não se banhar não o fazem por medo, mas escolhem passar horas olhando o movimento das águas, pensando na vida, em criar soluções, conectando-se. E é nesse aspecto que o tal “lugar de descanso” pode também se tornar criativo, já que, assim como a água, estamos nos deslocando (física, mental ou energeticamente) e produzindo ondas.

No recorte carioca, a praia-vivência se faz presente no cotidiano e imaginário dos moradores da cidade apesar de tamanha crise humanitária que enfrentamos neste século. Dialogando com autores que propõem uma indissociabilidade entre os seres humanos e aquilo que nos mantém vivos, ou até mesmo uma não-hierarquização entre os atores e atrizes da vida (a natureza, os elementos e os humanos, por exemplo), este artigo busca pensar na água como um motor da criatividade por meio de filosofias e trânsitos decoloniais. Para tanto, utilizaremos autores que pensam maneiras de visualizar o fim do mundo que conhecemos e imaginar outros mundos possíveis.

O texto aqui introduzido utilizará articulações de autores como Aílton Krenak, Castiel Vitorino Brasileiro e Donna Haraway, por meio de textos acadêmicos, exposições artísticas, documentários e discursos públicos, bem como algumas músicas brasileiras em que identificamos, de forma exploratória, o uso metafórico do elemento água. São canções que tratam a água em diferentes estados (chuva, choro, mar).

O ecocentrismo como uma possível conexão do tentáculo

O antropoceno como uma ideia de ordenamento e tipo de existência, assumido na sociedade capitalista, falseia nossas relações com e no mundo. Essa noção de humanidade e do humano acima de tudo é uma concepção de verdade moderna que limita a invenção, criação, liberdade e a própria sobrevivência. O tal “clube da humanidade” é um liquidificador onde fomos jogados e nos coloca como medida de todas as coisas (KRENAK, 2019).

Nesse sentido, esquecemos que tudo é um só: um organismo que funciona em seu estado natural. Ao interferirmos na natureza, nos ciclos e ecossistemas, acreditamos na ideia de progresso, que iremos melhorar tecnologicamente o que já é, por si só, perfeito – a cooperação entre as florestas e o ciclo d’água é um dos exemplos de autossustentação ecológica. No entanto, acabamos por *commoditizar* elementos intrínsecos à vida e precificar esses itens. Essa é uma das críticas seculares da cosmovisão de comunidades indígenas, desde sempre anticolonialistas.

Nosso tempo é um tempo de ausências que, segundo o ativista ambiental indígena Aílton Krenak, passa pelo esvaziamento do sentido próprio da vida e de coletivo. De acordo com a filósofa Donna Haraway (2019), nosso tempo é de urgências, de um capitalismo de catástrofes e pandemias – o Capitaloceno. Para ambos os pensadores, devemos assumir uma postura de enfrentamento aos diversos intemperismos, isto é, responsabilizar-nos pelos danos causados, como uma cura dos muitos problemas ambientais e climáticos que atravessamos.

Pensar e repensar nossa visão sobre a água, como uma possibilidade de ator que incentiva imaginações possíveis, pode ser uma maneira de continuar em movimento de forma respeitosa às diferentes vidas. Tendo em vista que toda vida é um trabalho interespecies, incorporamos aqui o pensamento tentacular de Haraway

(2019) e espiralado de Castiel Vitorino Brasileiro (2021) para vislumbrar o poder que essa conexão com o elemento da natureza traz, como um agente de produção de conhecimento.

Ao falarmos de ecocentrismo, queremos ir contra as “paisagens de vandalismos”² que afloram as grandes metrópoles mundiais, por meio dos mecanismos urbanos que ignoram a saúde das águas e jogam excrementos nos rios, promovendo um estresse hídrico. Enxergar a água como um motor criativo seria mudar nosso caminho epistemológico e considerar as profundas raízes às quais estamos conectados.

A água não antropocêntrica e a consciência dos rios: Watu está em coma

Após o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, no estado de Minas Gerais, o Rio Doce morreu³. Para Aílton Krenak, a lama gerada por essa inundação em 2015 na realidade deixou Watu em um ‘estado de coma’.

Na cosmologia do povo Krenak, o rio Watu (Rio Doce) tem consciência, é um avô, um ente familiar. As filosofias dos povos originários encaram a casa (o planeta) com afeto. Todos os elementos do mundo não estão separados dos corpos indígenas, então a água não é vista como um recurso, que está à disposição dos humanos. Nesse sentido, a água não é antropocêntrica, é como uma dádiva cósmica, uma pessoa da família, é ancestral, é a própria vida.

2 Durante discurso no Fórum Mundial da Água, em Brasília, no ano de 2018, Aílton Krenak afirmou que vivemos uma “solidariedade da depredação”, que nos comportamos como vândalos na Terra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BT6Q3GYjgFs&t=337s>>. Visto por último em 16 jan. 2023.

3 “Por que que os brancos estão matando a água?”, “mataram o nosso espírito”, “matou nós também, matou o resto que nós tínhamos”. Esses são trechos de depoimentos dos moradores Krenak às margens do Rio Doce, na região do Resplendor, no documentário “*Os Krenak e a Morte do Watu (Rio Doce)*” (2015). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=foyVOqNvXas>>. Visto por último em 16 jan. 2023.

Como um elemento inalienável e indispensável, a água não pode ser tratada como uma mercadoria na vivência dos Krenak. O que significa dizer que uma simples atribuição do 'direito à água' é, por si só, um ato antropocêntrico. Não faz sentido limitar algo que não possui barreiras, move-se naturalmente, sem se importar com políticas e economias.

No entanto, neste contexto de Capitaloceno, a violência sanitária e os problemas de ordem social em relação à água escancaram como lidamos com o elemento fora das cosmologias ancestrais de povos originários. Continuamos agindo de maneira negligente mesmo sabendo que, quando os humanos acabarem, a água ainda continuará na Terra.

Ainda conforme o pensamento de Aílton Krenak, chegamos perto da água para sujá-la, quando deveríamos beijá-la⁴. A partir dessa cosmologia indígena, vemos o quanto uma aproximação da água de maneira carinhosa, a fim de zelar por ela, poderia mudar o rumo das políticas.

É claro que precisamos continuar cobrando das autoridades governamentais por uma gestão eficiente de distribuição hídrica e saneamento básico, bem como questionar o uso da água na agropecuária e indústria brasileiras. Mas, para além da nossa dependência biológica, podemos validar um relacionamento de afeto com a água, para ter mais atenção à preservação desse elemento. Dessa forma, tentaríamos escapar das armadilhas coloniais e movimentos de capitalização da água.

4 Aílton Krenak comentou este aspecto sinestésico no debate organizado pelo *podcast Deságue* no Dia Mundial da Água em 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5luhjuH9FuE>>. Visto por último em 16 jan. 2023.

Água como movimentação de cura e olhar para si

Em formulações artístico-intelectuais, a psicóloga, macumbeira e artista visual Castiel Vitorino Brasileiro⁵ cria imagens a partir da sua relação com os quatro elementos (fogo, terra, água e ar), além de partir da sua própria condição enquanto espécie híbrida de vento e mar. Em suas instalações, há ainda a influência da figura do avô Benedito, que era pescador e tinha forte relação com as águas salgadas.

No documentário *O Trauma é Brasileiro* (2018)⁶, Castiel estabelece conexão entre a água de cristais e a cura, o descanso do corpo e a produção de saúde. E, ao longo do projeto, Brasileiro afirma que essa cura também muda nossa percepção do tempo: é um tempo de desfazer nós na garganta, um tempo espiralado, encarnado, de conexões e transmutações.

A potência da água como possibilidade energética de cura com os cristais e pedras pode estar in natura, quando mergulhamos no mar. Ao contar sobre as sensações da visita a uma praia no Espírito Santo, Castiel diz ter encontrado a cura em um mergulho, um respiro ao entrar na água.

5 Castiel Vitorino Brasileiro (Fonte Grande, Vitória - Espírito Santo, 1996) é uma intelectual que pensa as políticas de morte do corpo negro, trans e travesti, além de estudar a construção da espiritualidade e ancestralidade interespecífica. A autora costuma incorporar as crenças Banto em suas reflexões, bem como os processos de cura a partir do trauma brasileiro. Em textos e exposições, a psicóloga busca promover um momento perecível de liberdade, que é feito através do próprio corpo. “Minha etnia é diaspórica, sou uma banto-capixaba-brasileira. Sou negra, sou bixa, sou latina. Sou uma bixa-banto-brasileira. Meu corpo é aquático e fronteiriço, habito a fronteira entre África e Brasil: o mar” (2018).

6 Filme de Castiel Vitorino Brasileiro e Roger Ghil, feito como registro do que a artista chamou de “experiências estéticas de Cura profana”, desenvolvidas e propostas em sua primeira exposição individual: o quarto de cura “O Trauma é Brasileiro”, em 2018.

É como se eu virasse a água, e a água para mim é um mar. Meu corpo todo vira a água, tudo é água. Se existe algo que eu sinto, não é água, é um movimento que se produz entre águas. Então veja: é um movimento, não a água. Mas a água é movimento, né? Por eu ser água, eu sobrevivo. **Se a água é movimento, estou sempre me movimentando.** Movimento é vida, movimento é modificação, cura, é descanso e cansaço. Maré cheia e maré baixa, movimento de contração e expansão (BRASILEIRO, 2018, *grifo nosso*)⁷.

Além do arcabouço da espiritualidade, sobretudo de religiões de matriz africana e afro-brasileira, a MPB acumula muitas canções invocando a água e suas movimentações, assim como crenças e filosofias relacionadas a esse elemento.

Em “*Psiu*” (2020), música de Liniker⁸, há metáforas do elemento água sobre o processo de olhar para si, amadurecer, fazer descobertas e reafirmar o amor-próprio. Como música do primeiro álbum solo da artista, há uma reflexão sobre a liberdade advinda de um modo de reabitar a própria existência, pessoal e profissional, com o verso que abre a canção: *‘pra’ quem não sabia contar gotas / ‘cê’ aprendeu a nadar / o mar te cobriu sereno / planeta Marte.*

A estética aquática como uma condução desse processo de re-habitação se faz presente neste álbum por inteiro, como um conjunto estético-poético. Chamado Índigo Borboleta Anil (2021), Liniker já adiantava em entrevistas que este seria um trabalho bem emocional e intimista. Além disso, o processo de criação do disco partiu de “mergulhos” dentro de si, no projeto que definiu como um “processo de

7 Trecho retirado do documentário *O Trauma é Brasileiro* (2018). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=acb5psskLXQ>>. Visto por último em 17 jan. 2023.

8 Liniker de Barros Ferreira Campos (Araraquara, São Paulo, 1995) é uma cantora e atriz preta, mulher trans, que comunica experiências de vida, imaginação e afeto através da música. Em carreira solo, Liniker compõe e canta com influência do soul, jazz, samba e samba rock. A artista alcançou visibilidade midiática em 2015, com “*Zero*”, quando ainda se reconhecia como uma pessoa andrógena. De lá para cá, vem sofrendo violências ao ter o processo de transição de gênero vigiado pelos meios de comunicação e indústria musical.

cura”.



Figura 1: Videoclipe de PsIU

Fonte: print tirado do videoclipe da canção PsIU (2020), de Liniker, que está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=enjoQknrET0>

A cantora utiliza símbolos imagéticos ao se cobrir de azul nos videocliques e nas versões de capa do trabalho, onde está perto do mar e do céu.



Figura 2: Capas digitais de Índigo Borboleta Anil (2021).

Fonte: prints tirados das capas digitais do álbum musical Índigo Borboleta Anil (2021), disponíveis na internet e aplicativos de *streaming* de áudio. Montagem feita pela autora.

Esse processo de mergulho sobre si, das movimentações da água, estabelece conexão com o amadurecer e envelhecer, com as noções de tempo e com funções do nosso corpo. Há uma relação estética e corporal com o elemento da água, assim como uma alusão descrita pela própria semântica do nome do álbum musical de Liniker e a ligação com a borboleta, animal símbolo de liberdade e metamorfose.

Podemos imaginar, por exemplo, o movimento das marés (contração e expansão) simulando a nossa respiração, com contração e relaxamento do diafragma (inspiração e expiração). Talvez seja por isso que, como reflete Castiel Vitorino Brasileiro, o mergulho na água seja respiro (2018).

Em 2021, Castiel Vitorino Brasileiro inaugurou a exposição Eclipse, realizada no Hessel Museum of Art em Nova Iorque. A obra foi introduzida com o texto:

Hoje é dia de celebrar meu mergulho e meus músculos. Minha coragem de morrer me trouxe aqui. Todos os dias, ao entardecer, há eclipses em mim. No final de 2020, Bernardo Mosqueira me convidou para construir uma obra. Resolvi criar mais um Espaço Percível de Liberdade: Eclipse. Acredito na liberdade, acredito em eclipses, acredito que sou uma sereia. Em breve, estará disponível o nosso catálogo, com palavras minhas, do Bernardo e da minha Mãe de Santo. Gracias a todas as vidas e a todos os reinos (BRASILEIRO, 2021, tradução livre).

O catálogo de Eclipse traz uma série de temas abordados pela artista, desde a misticidade dos astros (sobretudo do sol e da lua), até pautas como a ancestralidade travesti. Cristalizada na figura de uma sereia, a artista afirma que respirar debaixo d'água é o alinhamento do ar e da água, (BRASILEIRO, 2021).

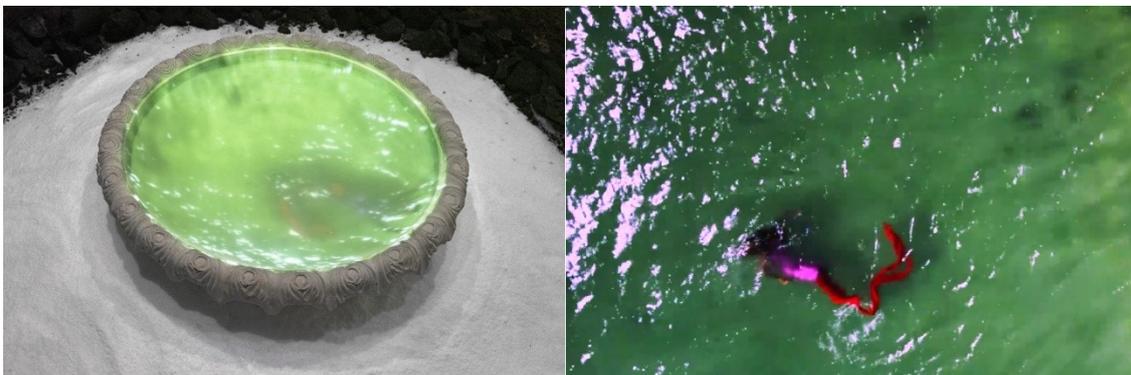


Figura 3: Exposição Eclipse

Fonte: foto da exposição Eclipse e print tirado do vídeo projetado de Castiel Vitorino Brasileiro (2021). Ambos disponíveis em <<https://castielvitorinobrasileiro.com/Trabalhos>>. Montagem feita pela autora.

Conforme formulado por Brasileiro, não há linguagem capaz de descrever o que somos quando estamos conectados verdadeiramente à água através da integração fisiológica do nosso corpo no mar. Isto é, o mar é um palco e um meio para essa conexão inexplicável. Sobre o tempo de vida linear, a autora pensa de metaforicamente na morte, que se estabelece “como um mergulho interminável”, de alguém que não conseguiu voltar à superfície – o afogar. Mas, segundo ela, o aprender a nadar é justamente conseguir escapar de armadilhas, reimaginar traumas coloniais.

Com base nesse pensamento, quando juntos à água, tornamo-nos parte do oceano. Ao projetar rotas de fuga desse sistema de catástrofes e presente de urgências, lembramos que não há fronteiras para a água. Ela toma o que é seu e nos invade à medida que nos aproximamos dela. Pensar nessa força motriz do composto H₂O é o que nos interessa nesse texto.

A água como de pensamento: de crises às metáforas sobre o mundo

Apesar de naturalmente escapista no estado líquido, a materialidade da água nos faz pensar nas crises humanitárias que atravessamos no século XXI. Considerando o estresse hídrico que os países subalternizados enfrentam, estamos falando da ‘guerra d’água’ no contexto de violência sanitária, no qual um terço da população mundial não tem acesso à água potável⁹.

No Rio de Janeiro, há um modelo urbano da água que não atende a maior parte das pessoas, já que temos uma infraestrutura precária para aqueles em situação de vulnerabilidade domiciliar. Há palafitas em meio ao esgoto e assentamentos em meio à escassez d’água – um problema estrutural, de ordem político-social, de raça e classe.

No entanto, para além de todos os problemas de acesso à água, consumo inapropriado e falta de saneamento básico, é possível que esse composto químico seja capaz de estabelecer conexões espirituais, com a natureza e de pensamento. Com a segurança hídrica garantida, existe a possibilidade de ter a água, sua força e imagem, como fonte energética e metafórica para pensar as noções de tempo – o tempo corrido como fluxo de uma cachoeira (BRASILEIRO, 2021); observar o amadurecimento e processos de cura sobre si e sobre o coletivo.

Já nascemos no oceano de nossas mães, envoltos no líquido amniótico. Quando falamos de afeto, ancestralidade e espiritualidade podemos citar a interpretação da água na canção *“Bom Mesmo É Estar Debaixo D’água”* (2020), da cantora baiana Luedji Luna¹⁰. A artista afirma acreditar que a água é um elemento ligado às

9 De acordo com um relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância e da Organização Mundial da Saúde, de 2019. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/1-em-cada-3-pessoas-no-mundo-nao-tem-acesso-agua-potavel-dizem-unicef-oms>>. Visto por último em 17 jan. 2023.

10 Luedji Gomes Santa Rita (Salvador, Bahia, 1987), Luedji Luna, é uma cantora preta da ‘Nova MPB’ que aborda questões sobre negritude – ou negridade (HALBERSTAM, 2013). Seu nome é de origem africana, da região do Congo e Angola, e significa ‘amizade, rio e lua’. De acordo com uma declaração de Luedji nas redes

emoções e a Oxum. Não à toa, o trabalho visual do álbum homônimo teve referências sobre religião e seu entendimento enquanto mulher negra.

Na música, considera-se os tempos do nosso corpo e pensamento, do nosso próprio ritmo e do respeito ao ritmo do outro: *Eu danço a dança das tuas marés / Eu danço a tua dança / Eu danço a tua dança, ia, ia / Você maremoto, você maré mansa / Você poça d'água, ia, ia (ai,ai) / Me acalmo, espero / me afogo você um tsunami / e quando não quer saber de onda, me desespero / são tuas ondas que me levam.*

As melodias sobre a água são muitas. Há polifonia de representações desse composto químico tanto de forma lúdica e subjetiva, quanto como um instrumento de conhecimento acerca do mundo que conhecemos. Nesse sentido, nossa própria lembrança não é dissociada do contato com a água, já que as experiências do corpo são registro de memória (BRASILEIRO, 2020).

A fronteira África-Brasil e o banho salgado como resgate de memória

Para Castiel Vitorino Brasileiro, o próprio território onde nasceu e vive, a ilha de Vitória no Espírito Santo, representa essa pulsão de vida envolta ao mar, que é a máxima expansão da água que nos compõe. Mas também é a partir dessa água que a artista faz um resgate de memória da diáspora africana: “este mar é reservatório de um passado que se atualiza cotidianamente em singularidades negras diaspóricas. **O Atlântico é negro, e eu me produzo nele**” (BRASILEIRO, 2018, *grifo nosso*).

Castiel se apropria desse banho em águas salgadas ao transmitir, em uma linguagem cifrada, “as narrativas que o esquecimento do colonialismo impõe” (ZANDOMENICO, 2021, p. 317). Isto é, muda o sentido do oceano atlântico na

sociais, o álbum *Bom Mesmo é Estar debaixo d'água* (2020) é uma reflexão sobre afetividade de mulheres negras. Disponível em: https://twitter.com/luedji_luna/status/1316393531582353410?s=20&t=M4EYfBUDwpkcNyKINxGlfQ. Visto por último em 17 jan. 2023.

nossa percepção, atualiza esse passado: tido como um passaporte de violência para os povos africanos escravizados, o Atlântico pode se tornar uma ocupação imperativa de liberdade. Ou seja, o oceano que separa o Brasil da África é a reafirmação de que Castiel faz parte daqueles que sobreviveram ao naufrágio, ao extermínio (BRASILEIRO, 2020).

Nesse sentido, o mar, o oceano, é incorporado como um espaço da negritude emancipada dos traumas e desejos coloniais. No entanto, sempre que falamos do mar, estamos traduzindo a sua linguagem, já que este produz um som indescritível.

A água não é a raça e a raça não é o mar. Meu referencial vital é o mar, não a raça, tampouco o gênero. [...] O mar é um cemitério de memórias. E minha grande demanda é escolher quais memórias eu irei cultivar. Normalmente tenho duas opções: memórias de naufrágio ou memórias de mergulho. Mas, para saber escolher entre essas duas, eu preciso entender em meu corpo a diferença entre o naufrágio e o mergulho. Todo corpo negro precisa aprender a diferença entre nadar (mergulhar) e se afogar (BRASILEIRO, 2020).¹¹

Concordamos com Yasmin Zandomenico (2021) ao analisar a potência do trabalho artístico e clínico de Castiel Vitorino Brasileiro com produção de lembranças transatlânticas como tática de sobrevivência, bem como de intervenção contra o genocídio da população brasileira racializada, empobrecida, dissidente em gênero e sexualidade. Lembrar através das águas é resgatar a memória do corpo, além de afirmar a pulsão da vida sobre as tentativas de apagamento e extermínio dessas

¹¹ Castiel apresentou o documentário “Uma noite sem a lua” na XI Bienal de Berlim em 2020. Este é um trecho da conversa, grifado neste artigo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0-9t0kRxdVg>. Visto por último em 17 jan. 2023.

pessoas no país.

Considerações finais

Após citar alguns pensadores e filosofias que articulam a importância da água no ato cotidiano de criar, imaginar e lembrar – seja nas músicas, cosmologias, processos internos ou crenças religiosas – estabelecemos relação fundamental entre esse elemento (com atenção aos seus efeitos e cuidados de manejo) e as diversas possibilidades de articular modos de reabitar existências para além dos caminhos do presente de urgências do Brasil e deste mundo que conhecemos.

Não pretendemos, de forma alguma, romantizar a potência da água ignorando um contexto de extrema desigualdade de uso e acesso pelas populações mundiais precarizadas. O objetivo deste ensaio foi outro: o de destacar conexões de pensamento não-linear, espiralado, bem como as ligações com a espiritualidade e os saberes ancestrais. Há modos de enxergar vidas possíveis a partir deste composto químico fundamental e intrínseco à vida, cuja capacidade de complexificar nossa subjetividade, afetação e experiência é imensurável.

Nem sempre teremos tempo para o tal lugar de descanso nas praias, no mergulho no Atlântico. De maneira geral, é raro que estabeleçamos relação com os rios que nos cercam, com as cachoeiras das matas ou com a própria chuva (por vezes, coberta de acidez e prejudicial às nossas peles). Por isso, este texto é uma tentativa de dar abertura a possíveis *insights*, ideias, imaginações.

Referências Bibliográficas

Berlin Biennale. 2020. “Night Without Moon: conversation and screening with Castiel Vitorino Brasileiro”. YouTube 1:09:58. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0-9t0kRxdVg>. Acesso em: 17 jan. 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Lembrar daquilo que esqueci**. Vitória, 2020. Documentário. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=I88ZFGDML-0>>. Acesso em: 17 jan. 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Atlântico negro por Castiel Vitorino Brasileiro. **Portal Geledés**, São Paulo, 8 fev. 2018. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/atlantico-negro-por-castiel-vitorino-brasileiro/>>. Acesso em: 17 jan. 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Ancestralidade Sodomita, espiritualidade travesti. *In: Eclipse*/Castiel Vitorino Brasileiro (catálogo da exposição realizada no The Hessel Museum of Art / CCS Bard Galleries. New York, USA, 2021.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. “Como se preparar para uma guerra: escritos de uma sobrevivente feitos na travessia de 2018 para 2019”. **Revista DR**, julho, 2020. Disponível em: <http://revistadr.com.br/posts/como-se-preparar-para-aguerra-escritos-de-uma-sobrevivente-feitos-na-travessia-de-2018-para-2019/>. Acesso em: 17 jan. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, diálogos, intervenções**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALBERSTAM, Jack. The wild beyond: with and for the under commons *in* HARNEY, Stefano e MOTEN, Fred. **The undercommons: fugitive planning & black study**. Nova Iorque: Minor Compositions, 2013, p. 2-12.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno**. 1ª edição. Buenos Aires: Consonni, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 edição. Companhia das Letras, 2019.

MACUMBAS DE TRAVESTI: Líquidos sagrados lubrificam nosso chamado. [Locução de]: Castiel Vitorino Brasileiro. Entrevista: Leandra. [S.l.], 6 ago. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5FaF7vbNz42nLX1iCikV16?si=78cd6a89c0b446b1>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MACUMBAS DE TRAVESTI: Santería, Guaichia, y nosso corpo do Caribe. [Locução de]: Castiel Vitorino Brasileiro. Entrevista: Iki Yos. [S.l.], 5 jul. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2EHAdibnsd5SpqhcXhwJ8i?si=d1d3dcf082794e91>. Acesso em: 17 jan. 2023.

O TRAUMA É BRASILEIRO. Direção: Castiel Vitorino Brasileiro e Roger Ghil. Documentário. Espírito Santo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=acb5psskLXQ>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ROCHA, R. M. e NEVES, T. T. “Deixa Eu Bagunçar Você”: Liniker e Atravessamentos do Trans. *In: XLI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*, 2018, Joinville, Santa Catarina.

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60811>



ZANDOMENICO, Yasmin. Modos de descolonizar: o trauma é brasileiro, de Castiel Vitorino Brasileiro. *Revista De Comunicação E Linguagens*, N. 54, p. 296- 323, 2021. Disponível em: <https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/133>. Acesso em: 17 jan. 2023.